

27 Nissán 5782

28 de Abril de 2022



Por: Hernán Rustein

Desde 1951, a Knesset (o parlamento do Estado de Israel) estabeleceu o 27º dia de Nissan como Iom haShoá. O objetivo deste dispositivo é honrar e recordar as vítimas do genocídio perpetrado durante a Segunda Guerra Mundial.




UNIÃO DO | UNIÓN DEL

JUDAÍSMO REFORMISTA

— AMLAT —

facebook.com/ujramlatinfo@ujr-amlat.orgwww.ujr-amlat.org



A data é próxima ao Yom haAtzmaut, o dia da independência do Estado de Israel. Isto frequentemente gera um profundo senso de contraste entre a tragédia da morte, e a afirmação da vida e da autonomia nacional. Além da origem estatal dessa data de recordação, o significado da memória da Shoá é uma questão central para todas as nossas comunidades.

Uma das perguntas mais frequentes diante do horror é se Deus estava ausente. O filósofo francês Emmanuel Levinas propõe que aqueles que falam da ausência de Deus durante a Shoá se refiram a um deus "primário" que trabalha de acordo com a lógica de castigo e recompensa. Para Levinas, Deus suscita em nós a possibilidade de nos preencher "com os pensamentos mais elevados", a fim de nos tornar responsáveis pela história e pela vida que revela o rosto do próximo.

Assim como uma "pessoa emancipada que se lembra de sua servidão e é solidária com todos os subjugados"¹. No mesmo sentido, Martin Buber fala de um "eclipse de Deus". A humanidade estava muito ocupada vinculando-se superficialmente entre si ou à divindade através de quaisquer formas, mas não era capaz de enfrentar o humano ou o absoluto em profundidade. Cortados e eclipsados por esses diálogos, a tragédia se seguiu².



Construir laços profundos de cuidado mútuo é um desafio que nosso movimento tem levado muito a sério. Consideramos um mitsvá³ lembrar aqueles que perderam suas vidas durante a Shoá. Os rituais que foram desenvolvidos buscam lidar com a complexidade de recordar milhões de pessoas, ao mesmo tempo em que evocam um sentimento de profunda fraternidade e proximidade⁴. A publicação "Seis Dias de Destruição" é um esforço reformista para levar a poesia e a oração à memória do silêncio de seis milhões de pessoas. Embora seja impossível lembrar de todos eles na magnitude daquilo que eles deveriam ter vivido. Seu autor, Elie Wiesel, explica: "Nunca podemos nos lembrar de todos os dias de destruição, apenas de um fragmento. Não chorem, meus companheiros judeus. Acima de tudo, não chore. Isso seria muito fácil. Ouçamos suas lágrimas, que fluem em nós sem som, sem o menor ruído. Escutemos."⁵



Como vimos, porém, os eclipses espirituais e a falta de responsabilidade não podem ser contrapostos pelas leis nacionais ou por meros rituais. O ser humano tem que ser chacoalhado. O risco está em nossa reação. A memória do horror pode gerar medo e desconfiança em relação ao outro. Pontes que foram quebradas antes da Shoá nunca poderão ser reconstruídas. Ricarda Klein, uma sobrevivente da Shoá, nos advertiu contra isso em seus relatos e entrevistas.

"O medo nos anestesia contra a dor, o mal-estar e o desconforto"⁶. Iom haShoá não pode nos convidar a ter medo, porque não nos permite sentir o que acontece à nossa volta. "Aqueles de nós que sobreviveram a esse holocausto estão imbuídos de novas esperanças e ilusões, mas sem nunca apagar o passado"⁷. A memória existe, mas como uma força motriz para a esperança e a vida. Devemos sentir para superar o terror que anestesia e nos separa, devemos escutar o silêncio para despertar o desejo de fazer mais vozes ressoarem. Para viver com ilusão, esperança e fraternidade.

- ▶ 1. Lévinas Emmanuel, and Manuel Mauer. Dificil Libertad y Otros Ensayos Sobre judaísmo. Lilmod, 2008. (Págs. 206 – 218). Levinas, Emmanuel. Totalidad e Infinito: Ensayo Sobre La Exterioridad. Sígueme, 2006. (Págs. 57 y 210-213)
- ▶ 2. Buber, Martin. Eclipse De Dios: Estudios Sobre Las Relaciones Entre religión y filosofía. Sígueme, 2014. (Págs. 117 a 145)
- ▶ 3. Uma prática que une judias e judeus com sua tradição, e que eles julgam ser uma boa prática
- ▶ 4. Entre outras práticas realizadas nesse dia, muitas vezes são feitos esforços para estudar o que aconteceu principalmente através de testemunhos. Há aqueles que fazem refeições frutíferas, comemorando as experiências das vítimas. Além disso, a tsedaká é frequentemente direcionada a instituições que mantêm viva a memória do Shoá. Por outro lado, foi criada uma liturgia específica, combinando a recitação de poesias modernas com a liturgia tradicional e o acendimento de velas de recordação. Ver as seções "Yom Hashoah" em Knobel, P. (1983). Gates of seasons. Nova York: CCAR Press; Washofsky, M. (2010) Jewish Living: A guide to contemporary reform practice. Nova lorque: URJ Press e no sidur reformista "Mishkan Hatfilah".
- ▶ 5. Wiesel, E. (1988). The Six Days of Destruction. Oxford, Inglaterra: Pergamon Press. (Pág. 51)
- ▶ 6. Klein, R. "Banana Split" não publicado
- ▶ 7. Klein, R. (19 de Marzo de 2019). Ganarle a la guerra. Obtenido de <https://virgeninmaculada.wordpress.com/2019/03/29/ganarle-a-la-guerra/>

HERNÁN RUSTEIN – ESTUDANTE RABÍNICO
TEMPLO LIBERTAD – FUNDACIÓN JUDAICA